



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO TECNOLÓGICO  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CURSO ESPECIALIZAÇÃO EM PERMACULTURA

Ana Claudia Colombera

**GUARANIZANDO AS PRÁTICAS E SABERES NA PERMACULTURA**

Florianópolis

2024

Ana Claudia Colombera

## **GUARANIZANDO AS PRÁTICAS E SABERES NA PERMACULTURA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Especialização em Permacultura do Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Permacultura.

Orientador(a): Prof.(a) Ms. Júlia Teixeira Lahm

Florianópolis

2024

Colombera, Ana Claudia

    Guaranizando as Práticas e Saberes na Permacultura / Ana  
    Claudia Colombera ; orientador, Júlia Teixeira Lahm  
    Dametto, 2024.

    46 p.

    Monografia (especialização) - Universidade Federal de  
    Santa Catarina, Centro Tecnológico, Curso de  
    Especialização em Permacultura, Florianópolis, 2024.

    Inclui referências.

    1. Permacultura . 2. Saberes. 3. Guarani. I. Dametto,  
    Júlia Teixeira Lahm .II. Universidade Federal de Santa  
    Catarina. Especialização em Permacultura. III. Título.

Ana Claudia Colombera

### **Garantizando as práticas e saberes na Permacultura**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Especialista em Permacultura e aprovado em sua forma final pelo Curso de Especialização em Permacultura

Florianópolis, 18 de julho de 2024.

Insira neste espaço  
a assinatura

Coordenação do Curso

#### **Banca examinadora**

Insira neste espaço  
a assinatura

Prof.(a) Prof.(a) Ms. Júlia Teixeira Lahm Dametto  
Orientador(a)

Insira neste espaço  
a assinatura

Prof.(a) Clarissa de Araujo Barreto Dr.(a)  
Membro Externo

Insira neste espaço  
a assinatura

Prof.(a) Elisa Serena Gandolfo Martins, Dr.(a)  
Membro Externo Instituto Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2024.

Dedico este trabalho a toda minha ancestralidade, que conduziram meus  
passos até chegar aqui.

## AGRADECIMENTOS

Um dia, fui convidada a me retirar de uma sala de aula, em um dia de prova, devido ao débito com a mensalidade da universidade. Na época, tentei de várias maneiras estender o prazo para quitar a dívida, mas tudo foi em vão, pois não possuía as folhas de cheque pré-datadas que a universidade exigia como garantia.

Fiquei dez anos longe das salas de aula, experimentando um misto de sensações: revolta, frustração, desapego e, por fim, a força para seguir com meu objetivo de concluir uma graduação.

Aproveitei a melhora nas políticas públicas de acesso às universidades federais para retornar aos estudos e ser aprovada no vestibular de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Lembro-me do quanto chorei ao me sentir aluna novamente, pisando naquele campus.

Foi como bolsista permanente de graduação no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica que me aproximei dos povos indígenas, especialmente os moradores da região Sul do país: Kaingang, Laklãnõ Xokleng e Guarani.

A partir daí, posso dizer que minha vida ganhou novos sentidos e tomou rumos inimagináveis. Aproximar-me dos povos indígenas e de pessoas engajadas no movimento em defesa de seus direitos me enriquece de conhecimento, de alegria e de satisfação diariamente. Algumas delas foram citadas neste trabalho, não apenas por serem amigas, mas principalmente por serem referências importantes sobre o tema, e que tenho a liberdade de chamar pelo primeiro nome e apelido: Doro, Juliana, Aldo, Nuno, Diogo, Sandra, Eliara e Kerexu. *Ha'evete*, obrigada; vocês me alimentam com sabedoria e inspiração.

Sei que o espaço nas linhas é pequeno para agradecer a todas as pessoas que me fortalecem, ensinam e acompanham, mas não posso deixar de agradecer especialmente a quem me deu a vida, educou e cuidou de mim com tanto carinho: minha mãe, Sucélia; meu pai, Colombera; o mano Cuca — que já se tornou ancestral, mas continua vivo no meu coração; a mana Carol — de quem tenho tanto orgulho; e ao meu amor e companheiro, Xeru — assim chamado carinhosamente pela comunidade que nos acolhe. Sem vocês, eu não seria quem sou. Amo cada um!

Agradeço à Universidade pública, às políticas de inclusão e permanência do aluno nestes espaços, à UFSC e a todos os professores que me orientaram nesta caminhada. Faço frente à luta pela melhoria do ensino gratuito, que ele possa ser cada vez mais inclusivo e de qualidade.



## RESUMO

Cada sociedade constrói historicamente o seu conceito de natureza e a nossa, ocidental capitalista, resolveu separar-se dela, colocou-se em oposição e superioridade, onde a natureza está submetida à cultura. Vivemos uma crise ambiental provocada por nós mesmos, que deve ser resolvida para o futuro das novas gerações. Há em curso algumas iniciativas e experiências que têm contribuído com o repensar da nossa sociedade e podem somar-se a estas possibilidades de transformações. A Permacultura faz parte deste movimento e é neste sentido que o trabalho se apresenta, pois busca analisar as bases da Permacultura bem como apontar outros horizontes desejáveis no movimento de transição de sociedade, evidenciando particularmente o modo Guarani de compreender a vida, a partir do *Nhande Reko*. Esta é uma pesquisa bibliográfica exploratória com base nas produções acadêmicas desenvolvidas no contexto da Permacultura e trabalhos de autorias indígenas. Para complemento do trabalho foi utilizado o método de observação participante a partir de vivências em aldeias indígenas. Defendo aqui a Guaranização das práticas e saberes como complemento dos princípios da Permacultura.

**Palavras-chave:** Permacultura 1; Saberes 2; Guarani 3.

## ABSTRACT

Every society historically constructs its concept of nature, and our Western capitalist society has decided to separate itself from it, placing itself in opposition and superiority, where nature is subjected to culture. We are experiencing an environmental crisis caused by ourselves, which must be resolved for the future of new generations. There are currently some initiatives and experiences that have contributed to rethinking our society and can add to these possibilities of transformation. Permaculture is part of this movement, and it is in this sense that this work is presented, as it seeks to analyze the foundations of Permaculture as well as point to other desirable horizons in the movement of societal transition, particularly highlighting the Guarani way of understanding life, from the perspective of Nhande Reko. This is an exploratory bibliographic research based on academic productions developed in the context of Permaculture and works by indigenous authors. To complement the work, the method of participant observation was used through experiences in indigenous villages. Here, I advocate for the Guaraniization of practices and knowledge as a complement to the principles of Permaculture.

**Keywords:** Permaculture 1; Knowledge 2; Guarani 3.

## MBYKYJEHECHA

Marã'ã hetava'e, ymã rupi oja'o pa hete, yvy rupa re, ka'aguy, yvy re noma'e vei ovy, ojavovai rei haguã py nhavae, ha'e va'ekue gui. Nanhandekuai kuaai harupi ma ãy, nõi porã vei ovy yvy rupa, rire tẽi ma ha'eve haguã py nha'ã ju jaraa tenonderã re nama'e vy. Amongue curso õi va'e rupi ma, jaikuaa pota ve haguã jaexa javyju, mba'eixa vy rã pa ha'evea rupi ju, kuaa reko jaraa haguã kova'e regua. Ma'ety rexãi reko – ma joo rami tembiapo oexauka, mba'eixa pa hete'i rã pa, oikuaa porã haguã, oguerova haguã kuaa reko hetava'e kuery, kova'e gui ma oexa kuaa, oikuaa pota hete haguã py jepe ovaẽ rã, mba'eixa pa Mbyá kuery joguerekoa oikuaa ovy haguã, kova'e Nhande reko gui. Kova'e ma pesquisa bibliográfica exploratória ojejapo nhembo'ea regua rupi, ko Ma'ety rexãi reko re onhempa'eapoa oexauka indígenas kuery mba'e hae. Amõi ve havi, jaikuaa porã haguã ma, amõi aexa va'ekue tekoa rupi aiko hague.

Aepy kova'e Guaranização oguerojeapo ha'e Kuaa, Ma'ety rexãi reko regua õi porã haguã va'e.

**Nhemombe'u porãa:** Ma'ety rexãi reko 1; Kuaa 2; Guarani 3.

## GLOSSÁRIO

- Aguyjevete** – Profundo agradecimento, desejo de tudo de bom
- Amba** – Casa
- Ara Pyau** – Novo Tempo
- Ara Yma** – Antigo Tempo
- Ava** – Pessoa
- Avaxy** – Semente
- Ha'evete** - Obrigada
- Jaxy** – Lua, período menstrual da mulher.
- Jurua** – Nome dado aos não indígenas
- M'bya** – Subgrupo Guarani
- Nhemogarai** – Principal ritual dos Guarani de nominação
- Nhanderu** – Literalmente “nosso pai”
- Opy** – Casa de Reza
- Petyngua** – Cachimbo
- Ra'u** – Sonhos
- Rekó** – Comportamento, Modo de Ser
- Tadendy rekowe** – O fogo sagrado
- Tekoá** – Aldeia, Terra, Lugar onde se vive
- Tekó** – Modo de Vida, Existência
- Tchondaro edjeody** – Dança do Tchondaro
- Tchedjary** - Avó, anciã
- Tery** – Harmonia, Ordem
- Xarura** – Cumprimento
- Xeramõi** – Avô, ancião
- Yvy Maraey** – Terra sem males
- Yvyrupa** – Plataforma celeste, inclui todos aqueles que habitam a terra

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
1.1	OBJETIVOS.....	19
1.1.1	<b>Geral.....</b>	<b>19</b>
1.1.2	<b>Específicos.....</b>	<b>19</b>
1.2	JUSTIFICATIVA.....	19
<b>2</b>	<b>ENVOLVIMENTO.....</b>	<b>21</b>
2.1.1	<b>PERMACULTURA.....</b>	<b>23</b>
2.2	NHANDE REKO.....	27
<b>3</b>	<b>INTERRELAÇÕES: PERMACULTURA E <i>NHANDE REKO</i>.....</b>	<b>34</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
	REFERÊNCIAS.....	40
	REFERÊNCIA ORAL.....	43

## 1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de especialização em Permacultura da Universidade Federal de Santa Catarina apresenta todos os elementos de uma monografia, mas foi concebido como uma proposta de artigo. O objetivo é evidenciar particularmente a relação entre a Permacultura e o modo Guarani de compreender a vida, o *Nhande Reko*. Limitamo-nos a destacar algumas características dessa forma de se relacionar com a natureza, sem aprofundar no contexto social e cultural do povo Guarani.

Levarei para a vida alguns dos princípios da Permacultura e ensinamentos adquiridos no convívio com indígenas, que gostaria de compartilhar nesta monografia e que podem contribuir para as reflexões abordadas a seguir.

Observando e interagindo, o primeiro princípio da Permacultura, podemos fazer amizades, encontrar amores, aprender com o entorno e com a vida em movimento. Isso nos estimula a olhar para o outro, para nós mesmos, e nos conectar com o aqui e agora, com o presente e com as possibilidades.

Estamos vivenciando um momento de emergência climática (Bertier, 2020), uma crise ambiental que precisa ser solucionada para garantir o futuro das próximas gerações, mas que deve ser antes de tudo analisada e compreendida.

Diante desse cenário, precisamos admitir, como seres humanos, nossas responsabilidades (Fossaluzza et al., 2020). O caos é nosso, foi criado por nós; portanto, cabe a nós apaziguarmos-lo, reverter a situação e reagir.

Mas reagir a quê?

De acordo com Gonçalves (2006), cada sociedade constrói historicamente o seu conceito de natureza. A nossa, ocidental e capitalista, decidiu separar-se dela, aliar-se à ciência e se colocar em oposição e superioridade, com a natureza subjugada à cultura.

Essa visão utilitarista é fruto de uma colonialidade imposta ao continente americano, que se configura como uma tecnologia de dominação que tem perdurado, pois essa “invenção” de desenvolvimento civilizatório perpetua-se em nossa cultura até hoje (Quijano, 2005).

Conhecer nossa história, como ela se constrói, perceber onde ela nos oprime, como nos conduz e ataca, o que quer e espera de nós, e entender tal

ontologia é fundamental para resolvermos questões que nos impedem de avançar rumo a uma sociedade mais justa e diversa.

Mais do que conhecer, devemos recuperar nossas histórias e, principalmente, ouvir as culturas silenciadas, outras versões e tirar do poder as instituições colonizadoras. Precisamos reinventar nosso modelo de sociedade, que se apresenta insuportavelmente insustentável.

Nesse sentido, o atual contexto das emergências climáticas e socioambientais demanda o acesso a outras possibilidades para a construção de saberes e de uma consciência socioambiental de modo participativo (Botelho et al., 2024).

A essa perspectiva soma-se Nêgo Bispo (2022), que defende a desconstrução do modelo único e eurocêntrico, que persiste até hoje, e a necessidade de contra-colonizar, viver de forma diferente daquela imposta pelo colonialismo.

Utopia? Talvez, se não fosse uma necessidade urgente. Mas como fazer? De que maneira reinventar?

Muitas vezes, as respostas para nossas questões estão diante dos nossos olhos e de tão óbvias não conseguimos enxergar, ou pior, nem desejamos.

Para aprendermos algo, devemos estar abertos ao exercício de observar e interagir. No Brasil, temos centenas de culturas indígenas que podem nos ensinar como superar nossas crises, pois são experientes em estratégias de resistência contra hegemonias, vivendo em harmonia com a natureza e respeitando as pluralidades de suas organizações sociais.

Essas culturas nos inspiram a reconectar com a natureza, aprender com os ciclos naturais — começando pelos nossos — e reconhecer que tudo está conectado e é interdependente.

Este é um movimento possível de pertencimento, de responsabilidade com o amanhã, alinhado com as dimensões de identidade cultural, equidade social e sustentabilidade, associadas à ética comunitária do Bem Viver, onde a ação individual se compromete com o bem global.

De acordo com Acosta (2016, p. 40):

"O Bem Viver é uma filosofia de vida que abre as portas para a construção de um projeto emancipador. Um projeto que, ao integrar histórias de lutas, resistência e propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências locais,

às quais devem somar-se contribuições de diversas latitudes, posiciona-se como ponto de partida para estabelecer democraticamente sociedades sustentáveis."

#### Segundo Quijano (2013):

"'Bem Viver' e 'Bom Viver' são os termos mais difundidos no debate sobre o novo movimento da sociedade, especialmente entre as populações indígenas na América Latina, a partir de uma existência social diferente daquela imposta pela 'Colonialidade do Poder'. 'Bem Viver' é, provavelmente, a formulação mais antiga na resistência indígena contra a 'Colonialidade' do Poder" (Quijano, 2013, p. 46).

Atualmente, há várias iniciativas e experiências, muitas vezes comunitárias, que têm contribuído para esse repensar e podem se somar às possibilidades de transformação consideradas aqui, que representam, antes de tudo, um posicionamento político.

A Permacultura, concebida por Bill Mollison e David Holmgren (1983), faz parte desse rol de alternativas potencialmente transformadoras, representando uma via promissora na transição para uma sociedade mais justa e sustentável. Ela visa a conexão com outros elementos e fluxos construídos a partir de laços afetivos, proporcionados pelo respeito e integração com a vida planetária.

Este trabalho busca analisar as bases da Permacultura no contexto das possibilidades e mudanças de paradigma, bem como apontar outros horizontes desejáveis no movimento de transição de sociedade. O objetivo é instigar a reflexão crítica sobre a própria Permacultura, a fim de aproximar os saberes ancestrais Guarani — a partir do *Nhande Reko*, de seus princípios e éticas.

Pretendo com este trabalho compartilhar um pouco dos aprendizados e sentimentos vividos tanto no curso de especialização em Permacultura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) quanto nas aldeias indígenas pelas quais passei, em particular na qual resido, Yakã Porã. Acredito que esta seja uma boa oportunidade para difundir e aproximar práticas indígenas dos princípios permaculturais, somando-se ao movimento contra a colonialidade.

O método desta pesquisa é bibliográfico exploratório, baseado em produções acadêmicas desenvolvidas no contexto da Permacultura e em trabalhos de autorias indígenas, priorizando uma concepção própria Guarani do seu modo de vida. Para complementar o trabalho e relatar um pouco das experiências adquiridas ao longo de um ano de convivência na Aldeia Yakã Porã, utilizei o método de

observação participante. Esse método requer interação entre pesquisador e pesquisado e foi realizado por meio do convívio, entrevistas, conversas informais com a comunidade e atividades coletivas, com o objetivo de compartilhar uma fração dos sentimentos e aprendizados dessa experiência com o leitor.

Assim como na vida devemos assumir nossas escolhas e enfrentar os riscos por elas impostos para que o novo possa surgir ou o antigo permanecer, optei por elaborar o texto em primeira pessoa. Essa escolha foi inspirada em trabalhos acadêmicos que buscam uma escrita mais experimental, conforme proposto por Leite (2023) em suas orientações acadêmicas.

O trabalho está estruturado em três partes, além da introdução. A primeira parte apresenta a Permacultura, a segunda aborda aspectos culturais Guarani a partir do *Nhande Reko*, e a terceira realiza uma análise desses conceitos interrelacionando-os para compreender como a concepção Guarani do *Nhande Reko* pode complementar a ética e os princípios da Permacultura, a partir de uma outra visão de mundo.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Geral

- Relacionar ética e princípios da Permacultura com o modo de vida Guarani a partir de aspectos do *Nhande Reko*.

### 1.1.2 Específicos

- Revisar os princípios da Permacultura e sua base de construção ética;
- Identificar elementos do *Nhande Reko* que podem contribuir com os princípios da Permacultura;

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Este recorte é pertinente e oportuno para abordar temas que convergem para a crise ambiental e provocar uma reflexão sobre como o *Nhande Reko*, elemento central da formação indígena Guarani, pode contribuir para o nosso aprendizado — não indígena, especialmente no âmbito da Permacultura.

Defendo aqui a Guaranização (Padilha et al., 2020) das práticas e saberes em prol da ampliação dos princípios da Permacultura, ciente dos muitos desafios que surgem, especialmente a valorização dos conhecimentos de culturas orais que se contrapõem a uma lógica binária.

Sinto-me provocada e instigada pela Permacultura, autorizada e incentivada pela comunidade indígena que me acolhe a preparar este material da forma que acredito ser a mais adequada: científica, mas de fácil compreensão para aqueles fora do âmbito da formalidade acadêmica.

## 2 ENVOLVIMENTO

Resido no Território Indígena Morro dos Cavalos, na aldeia Yakã Porã, localizada no município de Palhoça, Santa Catarina (SC). A aldeia é liderada pela cacica Eliara Antunes, amiga que convidou a mim e a meu companheiro para viver neste espaço e nos integrar aos costumes da cultura Guarani.

Junto dela, de sua família e da comunidade, aprendo a me conectar com a natureza, comigo mesma, a ser natureza, a me sentir parte dela, estar presente no mundo e envolvida por ele.

A integração com os animais, com a água, com a mata e com o fogo, o respeito e o cuidado com os seres vivos e espirituais revelam o modo de ser e viver dos Guarani, que é diferente e antagônico à forma com a qual fui educada.

Sou fruto da miscigenação, como boa parte dos brasileiros (Spech, 2022). Conheço minha ascendência italiana, mas não tenho certeza da indígena, embora saiba que ela existe e foi apagada em algum lugar do passado.

Formamos nossa identidade coletiva a partir de roubos, assassinatos, escravidão, destruição cultural, apagamentos, silenciamentos e torturas (Padilha et al., 2020). Olhamos para toda essa história — que nos é contada de forma fragmentada e muitas vezes mal — como se não nos dissesse respeito, como se não fizesse parte de nós.

Daniel Munduruku (2009) afirma que a falta de autoconhecimento e de conhecimento das ancestralidades é um dos problemas dessa civilização, contribuindo para as violências existentes.

Aníbal Quijano (1992), sociólogo peruano, usa o termo “colonialidade do poder” para explicar o processo de colonização nas Américas, realizado de forma cruel pelos europeus durante o período das navegações, no início do século XV. Endossado pela Igreja Católica, esse processo criou a ideia de que o homem branco europeu deveria ser o modelo de modernidade e civilidade a ser seguido pelos não-brancos e não-europeus, considerados até hoje como selvagens, bárbaros e atrasados, e que devem ser domados e domesticados.

O colonialismo implantado em nós foi tão forte e eficaz que nos tornamos as próprias mercadorias, desde nossos corpos até nossos saberes. O pensador Michel Foucault (1926-1984) usa o conceito de biopoder para explicar essa técnica de

dominação, que busca criar um estado de vida em uma determinada população, produzindo corpos economicamente ativos e politicamente dóceis.

Nascemos, crescemos e fomos educados com a expectativa de nos tornarmos "alguém na vida" — um conceito que se concretiza na fase adulta, ao nos tornarmos profissionais, alcançar sucesso financeiro, adquirir bens, constituir família e preocupar-nos com o tempo e o futuro, para que essa engrenagem possa continuar a funcionar.

Funcionando assim, é desta maneira que as coisas devem acontecer neste modelo de sociedade. A constituição desse padrão de poder, que se expandiu junto com o capitalismo, teve seus pilares fundamentais edificados no eurocentrismo e na modernidade (Quijano, 2008).

A igreja nos ensinou que a preguiça é um dos pecados a serem combatidos, promovendo um ideal religioso "cristão" e neoliberal, que vê no sacrifício individual um caminho para o paraíso (Padilha et al., 2020). Nesse modo de ser e pensar que aprendemos, há pouco espaço para sentir e experienciar outras possibilidades. Neste sentido, "a tal generalização de um modelo único é uma opção nada sapiens que, contudo, normalizamos" (Munduruku et al., 2022, p. 23).

É confortante saber que verdades não existem como realidades absolutas; há outras realidades que possibilitam maiores conexões com os fluxos da vida, do universo que se (re)cria a todo instante, independentemente de nós.

Manter-se conectado a esse fluxo, à vida em constante mudança, é uma maneira de tentar compor com essa sociedade autodestrutiva. Nesse sentido, destaco o conceito de ecologia de saberes utilizado por Fleuri, que "busca o diálogo entre conhecimentos, que podem ser colaborativos para o avanço das lutas sociais" (Fleuri, 2024, p. 252).

Esse conceito corrobora as palavras do quilombola Nego Bispo dos Santos (2022), que nos orienta:

Enquanto a sociedade se faz com iguais, a comunidade se faz com os diversos. Nós somos os diversosais, os cosmológicos, os naturais, os orgânicos. Não somos humanistas; os humanistas são pessoas que transformam a natureza em dinheiro, em carro do ano. Todos somos cosmos, menos os humanos. Eu não sou humano, sou quilombola. Sou lavrador, pescador, sou um ente do cosmos. Os humanos são eurocristãos monoteístas. Eles têm medo do cosmos. A cosmofobia é uma grande doença da humanidade... a humanidade é contra envolvimento, é contra vivermos envolvidos com as árvores, com a terra, com as matas.

Desenvolvimento é sinônimo de desconectar, tirar do cosmo, quebrar a originalidade (Santos, 2022, p. 29-30).

Então, que possamos nos encorajar a ponto de nos desconstruirmos e reinventarmos, a ponto de vivermos contra a colonialidade, contra o desenvolvimento desenfreado, contra a universalidade, a ponto de sermos cósmicos, envolvidos e conectados com a infinitude dos diversos.

### **2.1.1 PERMACULTURA**

Inspirados pelos Maori, povos originários da Nova Zelândia, pelas culturas orientais e pela ideologia anarquista, Bill Mollison e David Holmgren sistematizaram o conceito de Permacultura como uma crítica e alternativa ao modelo vigente nas décadas de 1960 e 1970 (Ferguson et al., 2014). Esse modelo estava marcado pelo crescimento populacional e industrial nas cidades, pelo êxodo rural, pela substituição do trabalho humano por máquinas, pela mecanização das produções, pelo uso de agrotóxicos nas lavouras, pelos investimentos em monoculturas e pelos incentivos à pesquisa e uso de transgênicos, que geraram uma iminente crise ambiental mundial.

Holmgren, orientado por Mollison (1983), apresentou o tema "Permacultura" como trabalho de conclusão do curso em design ambiental na Universidade da Tasmânia, defendendo a possibilidade de desenvolvimento de um sistema de agricultura permanente, que mais tarde se expandiu para cultura permanente.

Desenvolveram o Permaculture Design Course (PDC) como uma prática de estudos aprendidos na vivência, que deve ter no mínimo 72 horas de curso, habilitando aqueles que o completam a difundir seus preceitos de planejamento e construção, conforme seus princípios e ética.

Conforme Maringoni, Timmerman e Pamplona (2018, p. 3-4), um PDC é:

[...] um curso imaginado e montado por Bill Mollison para formar um permacultor. O curso é baseado no livro clássico *Permaculture Designers' Manual* (*Manual dos Designers em Permacultura*) [...]. Permacultura é uma ciência complexa e não uma técnica ou um conceito vago. Também não se restringe a uma área do conhecimento ou especialidade. Assim, para iniciar o planejamento de espaços permaculturais é essencial ter essa base ampla. Mollison elenca os conteúdos e uma carga horária mínima de 72 horas, além da obrigatoriedade de se elaborar o design como atividade de conclusão de curso. Também estipula a obrigatoriedade de 100% de presença para que se receba o certificado.

O objetivo do PDC, conforme Holmgren (2013), é difundir os conhecimentos dessa ciência holística com vista na manutenção do bem maior que é a vida do todo, estimulando uma visão cíclica da natureza, onde ela trabalha na colaboração e não na competição, equilibrando questões ambientais, sociais e econômicas nos planejamentos de ambientes autossustentáveis de assentamentos humanos, conforme cada cenário paisagístico, de maneira que eles possam ser sustentáveis.

De acordo com Fossaluzza (2020), a Permacultura chegou ao Brasil em um momento de intenso debate das pautas ambientais, como a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente em 1992 (Rio-92). O primeiro PDC no Brasil, ministrado por Bill Mollison e Scott Pittman, ocorreu em Viamão/RS (Ferreira Neto, 2018).

Ainda conforme Fossaluzza (2020), podemos dizer que a Permacultura é sustentada pelos pilares da Ecologia, que permite a apreensão de conceitos que inspiram o planejamento de assentamentos humanos sustentáveis e sua manutenção; da Ética, pautada no cuidado com a Terra, com as pessoas e com o futuro das novas gerações; e do Método de Design, que nos auxilia no "como fazer", apresentando princípios e técnicas que orientam esse processo.

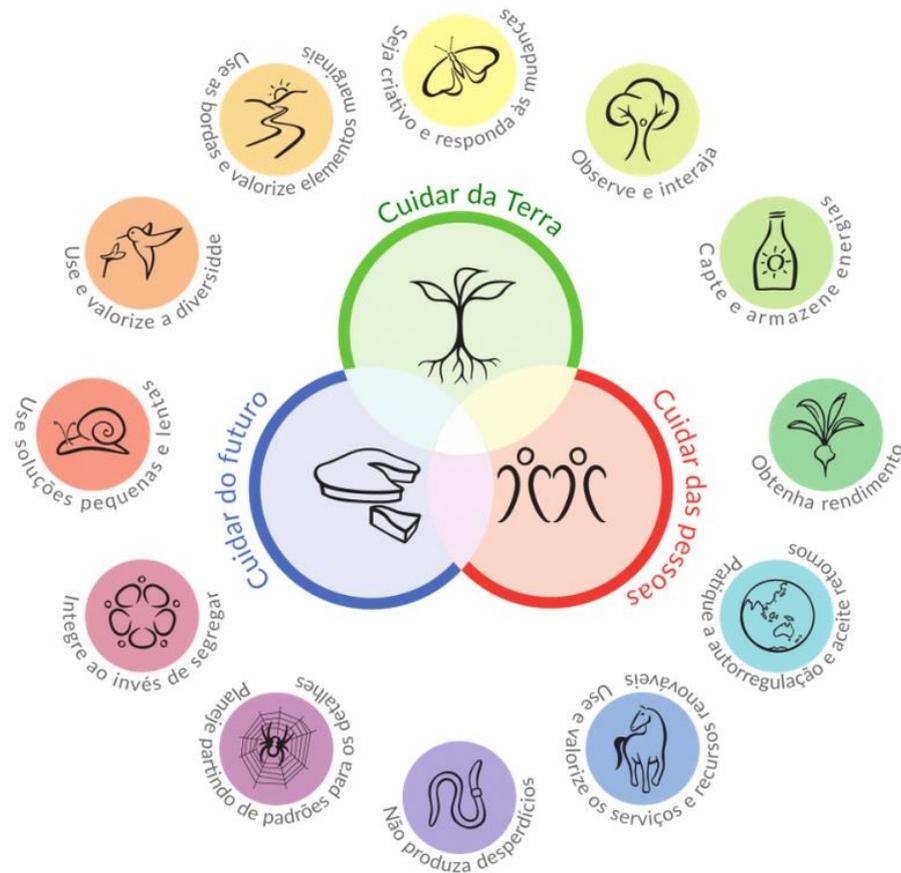
Os princípios da Permacultura podem orientar nossas ações e planejamentos, tanto do micro ao macro quanto vice-versa, onde a natureza serve como inspiração, dita o ritmo e nos ensina como proceder.

Esses princípios de design foram elaborados por Holmgren (2013) e sintetizados em 12 frases curtas. Embora não precisem ser seguidos em uma ordem específica, devem ser considerados na vida e em nossas ações. Abaixo estão as frases destacadas em negrito, conforme Holmgren (2013), seguidas de uma interpretação pessoal baseada em anotações de sala de aula:

- **Observar e interagir:** Para encontrarmos respostas e soluções para muitos dos nossos problemas, devemos observar a natureza e seu sistema como um todo, assim como os eventos e objetos que se interconectam no desenvolvimento de um fenômeno. Muitas vezes, problemas podem se transformar em soluções; para isso, precisamos ampliar nossas percepções e nos deixar guiar pela simplicidade.
- **Captar e armazenar energia:** Nossa sociedade capitalista é dependente de energia, principalmente das fontes de petróleo, que são finitas. Não basta substituir essas fontes; devemos reavaliar a necessidade de nossos consumos.

- **Obtenha rendimento:** Nossas necessidades de alimentação e moradia devem ser supridas diariamente. Por isso, devemos pensar e desenhar sistemas que possibilitem rendimento, considerando a otimização do trabalho.
- **Pratique a autorregulação e aceite retorno:** A autorregulação é um objetivo do planejamento que requer a interferência ou manutenção de um sistema.
- **Use e valorize recursos e serviços renováveis:** A natureza vive em equilíbrio dinâmico há milhares de anos. Devemos aprender com ela e não a desestabilizar.
- **Não produza desperdícios:** Muitas vezes valorizamos algo somente depois de perdê-lo. A manutenção e o cuidado previnem desperdícios.
- **Planeje partindo dos padrões para chegar nos detalhes:** Encontrar o padrão adequado para determinado planejamento é mais importante do que entender todos os detalhes do sistema. Após observar as oportunidades e ameaças do ambiente, planejamos as zonas com base nos padrões naturais, respeitando os fluxos de energia do sistema e aumentando as conexões, tornando o manejo mais eficiente e sustentável.
- **Integre ao invés de segregar:** Relações cooperativas e simbióticas contribuem mais do que relações competitivas.
- **Use soluções pequenas e lentas:** Devagar se vai longe; não precisamos ter pressa em chegar, mas sim em apreciar o caminho e aprender com os obstáculos que encontramos.
- **Use e valorize a diversidade:** Todo ser de cada espécie é único, e há uma imensidão de diversidade no mundo que se relaciona. Devemos respeitá-la e cultivá-la tanto na produção quanto no convívio.
- **Use os limites e valorize o marginal:** As bordas transbordam vida, diversidade de recursos e energia. Podemos aproveitar além dos limites se estivermos atentos.
- **Use e responda criativamente às mudanças:** Nem sempre o que planejamos dá certo; precisamos ser criativos para superar os imprevistos.

**Figura 1 – Flor da Permacultura**



Fonte: <https://permacultura.ufsc.br/o-que-e-permacultura/>

A figura acima ilustra os princípios e a ética da Permacultura conforme elaborados por Holmgren (2013). Por exemplo, a imagem do sol dentro da garrafa simboliza a captura e armazenamento de energia. Já a figura da lesma carregando sua morada nas costas sugere que podemos alcançar nossos objetivos aos poucos, devagar e com determinação.

Para avançarmos nos propósitos permaculturais e aplicarmos seus princípios em nossos planejamentos, é essencial adotar uma visão sistêmica. Devemos enxergar o todo de forma integrada para analisar a paisagem com base em suas características, necessidades e funções. Isso nos permitirá interpretar quais energias estão disponíveis e como utilizá-las de forma eficiente, otimizar recursos e garantir a preservação da vida. Conscientizar-se da finitude dos recursos e realizar uma manutenção adequada são fundamentais para a sustentabilidade.

## 2.2 NHANDE REKO

Destaco aqui um resumo que, embora seja ínfimo e irrisório, aborda apenas uma fração do *Nhande Reko*, um conceito extremamente complexo e amplo. Mesmo que eu desejasse explorar temas como o *Tataendy Rekowe* (o fogo sagrado), *Tchondaro Edjeody* (a dança do Tchondaro), *Xarura* (o cumprimento) ou *Ra'u* (os sonhos), seria impossível abranger integralmente o *Nhande Reko*, especialmente para nós, não indígenas, que não temos acesso total a esses conhecimentos.

Para cumprir os objetivos deste trabalho, focarei, ainda que superficialmente, na importância da *opy*, da mulher e da agricultura para os Guarani.

Há uma vasta literatura que aborda aspectos da cultura Guarani, como Litaiff (1996), Noelli (1993) e Ladeira (2007). No entanto, a seleção aqui foi feita principalmente com base em trabalhos recentes de professores, alunos e anciãos indígenas, especialmente aqueles publicados na última década. Esses trabalhos são inspirados pelos conselhos dos mais velhos e orientam ações de enfrentamento à crise atual do mundo a partir do *Nhande Reko*, uma cosmovisão repleta de simbolismos, crenças e conexões com divindades, expressas através do canto, da dança, da agricultura, do uso das ervas e do *petyngua*.

Para o Guarani Fabiano Alves (2024):

O *Nhandereko* é um sistema de vida tradicional que envolve as relações sociopolíticas, territorialidade, cosmologia e espiritualidade, podendo ser traduzido como 'nosso modo de ser'. Tudo que se faz diariamente no *tekoá* (território da aldeia) é *Nhandereko*, vivenciado e praticado através da espiritualidade, da cultura e da língua, da caça e da pesca, da educação tradicional, da agricultura, das ervas medicinais, produção de artesanato e através do contato com a natureza (Alves, 2024, p. 13).

O *Nhande Reko* é um conjunto de conhecimentos e valores transmitidos oralmente através das gerações:

O conhecer e o aprender do Guarani são uma forma de rezo e oração, onde o aprendizado de cantos, danças e concentração são aspectos fundamentais, assim como o 'saber levar', que inclui como agir no dia a dia, relacionar-se com os familiares, fazer aconselhamentos e orientações, e realizar as atividades produtivas, especialmente ligadas à agricultura (Oliveira, 2011, p. 248).

É um sentir e relacionar-se com o mundo através de comportamentos e práticas aprendidos no cotidiano, perpetuados principalmente pela preservação da

língua materna (Padilha et al., 2020). Essas condutas são vivenciadas desde antes do nascimento. Quando uma mulher está grávida, inicia-se uma dieta especial para a gestante e sua família, preparando-os para o acolhimento e desenvolvimento da criança e de todos ao redor.

Quando os pais, ou apenas um deles, sonham com o espírito do futuro filho, isso é um sinal importante. A certeza do espírito (omoexakã) se dá através do xara'u (sonho) com parentes falecidos, animais, lugares ou plantas. A partir daí, inicia-se o processo de omongueta (aconselhamento), e a família escolhe a mitãbojaua (parteira). A futura mãe (ipuru'a va'e rã) deve se preparar para receber o espírito (nhe'ê), pois isso influenciará o futuro da criança (Darella et al., 2020, p. 161-162).

“Para falar do *Nhande Reko*, primeiro precisamos pedir a *Nhanderu* que nos mostre como fazer isso, como levar adiante esse costume. Para falar do *Nhande Reko*, precisamos nos fortalecer na *opy*” (Darella, 2018, p. 33). Na *opy*, os anciãos se aquecem junto ao fogo, tomam chimarrão e conversam em voz baixa, em um ritual que não é apenas ouvido, mas sentido como uma oração que toca e atravessa os corpos com a fumaça do *petyngua*.

A *opy* é o patrimônio material mais precioso dos Guarani. É dela que vem a força e a sabedoria, e é na *opy* que se recebe o conhecimento e a proteção dos seres visíveis e invisíveis, repassados pelos *xeramõi* e *tchedjary'i*.

As casas de reza dos Guarani têm uma estrutura física distinta das residências comuns. Elas são construídas com bambu e revestidas de barro, com a colaboração de toda a comunidade. Geralmente, têm formato retangular e uma única entrada voltada para o leste, na direção do nascer do sol. O chão é de terra batida pelos próprios pés e o teto é coberto com taquara, pindó, capim ou outros materiais naturais (Bussmann et al., 2022).

Os *jurua* (não indígenas) podem visitar essas casas apenas em dias específicos, pois *Nhanderu* destinou esses espaços exclusivamente para os Guarani e proíbe o acesso de não indígenas. É fundamental que os *jurua* respeitem a cosmologia dessa cultura e ampliem a compreensão da categoria de *território*, conhecido como *Yvyrupa*. Este conceito se estende por quase toda a América do Sul, incluindo Brasil, Paraguai e Argentina.

Os Guarani sempre viveram em suas terras tradicionais, com várias aldeias e um sistema de migração que incluía plantio e colheita em diferentes áreas. Quando uma terra estava sendo cultivada, outras estavam em

descanso. Eles também transportavam e plantavam plantas medicinais tradicionais, ajustando o ambiente conforme necessário. As terras tradicionais geralmente estavam situadas perto do litoral ou de rios, pois a água simboliza saúde e energia, fortalecendo o corpo e o espírito dos Guarani (Darella et al., 2018, p. 21).

Dessa forma, “o povo Guarani é o povo da mobilidade, tendo seu território percebido como um grande organismo vivo, um corpo que precisa estar constantemente em movimento para não adoecer e perder vitalidade” (Bussman et al., 2022, p. 17). Contudo, os limites para o *Yvyrupa* foram impostos por invasores brancos, resultando em assassinatos e sofrimento. É urgente reconhecer nossa responsabilidade como maus gestores das terras e devolver aos povos indígenas o que lhes foi roubado, como os caminhos para *Yvy maraey*, a “Terra sem mal”, situada além do oceano (Litaiff, 2004).

Portanto, “é necessário ampliarmos a concepção de Sistema Territorial para além do Território, incorporando questões cosmológicas que exigem escalas maiores do que as prescritas nas leis municipal, estadual e nacional, para cósmica” (Nunes, 2022, p. 102).

Os estudos de Padilha (2020) ajudam a entender as diferenças de compreensão do conceito de território a partir dos estudos de linguagem. Segundo ela:

As palavras 'ambiente', 'natureza', 'território', 'terra', 'vida' e 'biodiversidade' são definidas de maneira específica na Língua Portuguesa. No entanto, na Língua Guarani, não existe um conceito único para essas categorias tão distintas no português. Ou seja, todos esses conceitos, em ressonância, talvez representem algo mais do que o que se pode entender apenas com a palavra *nhandereko*. Esta palavra, traduzida como 'modo de vida' ou 'cultura Guarani', pode ser uma forma reducionista de entender uma existência onde seres humanos são parte da natureza, constroem o território, ampliam a biodiversidade e geram vida (Padilha et al., 2020, p. 11).

Eliara Antunes, cacica da aldeia em que resido, defende o conceito de corpo-território, sugerindo que o próprio corpo é o primeiro território a ser cuidado. Este deve estar saudável, contente e disposto para que se possa interagir adequadamente com outros territórios.

De acordo com Fabiano Alves (2024, p. 13), “Para uma pessoa Guarani, o território é vida, corpo e espírito, pois nele estão os seres vivos, as plantas e os animais, os rios e o céu, todos interligados pelo *Nhande Reko*”. Este conceito é tão

abrangente que vai além da compreensão ocidental de terra, pois *Yvyrupa* inclui não apenas a terra, mas também os seres espirituais e cósmicos.

Em todos os lugares e momentos, há um espírito guiando cada ser humano. Os espíritos estão presentes em todos os seres vivos ao nosso redor, nas plantas, na água, nos raios de sol e na chuva. Por isso, tudo é considerado sagrado. Até mesmo a terra faz parte deste mundo sagrado (Darella et al., 2018, p. 33).

Cacica Eliara frequentemente menciona que a terra é como uma mãe que fornece sustento, vida e beleza. Ela merece cuidado, gratidão, amor e respeito. Nesse contexto, o papel das mulheres na cultura Guarani é fundamental; elas são as guardiãs do espírito *Mbya* e da vida, simbolizando a fertilidade. As mulheres estão intimamente ligadas à agricultura, levando as sementes para serem consagradas no plantio e na colheita.

Nas aldeias Guarani, quando uma mulher entra no *jaxy* (período menstrual), ela deve se resguardar, e a comunidade deve respeitar esse período. Ela não deve circular pela aldeia, plantar, andar na roça, tocar sementes ou consumir alimentos doces ou salgados.

Quando uma menina menstrua pela primeira vez, sua mãe corta seu cabelo bem curtinho e faz uma pintura (*jeguaá*) no rosto com cera de abelha. Além disso, prepara um gel de guiné com alho para massagear as pernas e braços. Durante 15 dias, a menina fica de resguardo em um quartinho coberto como uma casinha, saindo apenas para o banheiro. Nesse período, ela aprende a fazer artesanato, como brincos, colares, pulseiras e cestinhos pequenos. "A pintura é usada para afastar os olhares de *jaexa'y va'e* (aqueles que não vemos), e as ervas são usadas para neutralizar o cheiro da menstruação, preservando o corpo durante o resguardo" (Hanazaki et al., 2021, p. 259).

A agricultura tradicional Guarani está profundamente conectada ao mundo espiritual. As sementes sagradas devem ser reverenciadas antes de serem plantadas e após a colheita, pois alimentam não apenas o corpo, mas também o espírito da comunidade.

Durante o período de agosto-setembro, conhecido como *Ara Pyau*, as famílias plantam o milho. Todos os mais velhos plantam ao redor da casa, perto da capoeira, e as crianças ficam alegres ao ver o plantio. "Esse é o nosso costume. Quando plantamos, ficamos felizes, alegres. Falamos com *Nhanderu* e fazemos o *nhemongarai* antes de plantar. Isso faz com que a planta cresça bem" (Darella et al., 2018, p. 53).

O *avaxy* é uma das sementes mais sagradas para os Guarani, representando o Deus Sol. No batismo do milho, conhecido como *nhemongarai*, as crianças recebem seus nomes através do pajé, por intermédio de *Nhanderu*. Nesse momento, a personalidade e habilidades da criança são reveladas. Cada nome é carregado de espiritualidade, marcando a trajetória da criança no mundo.

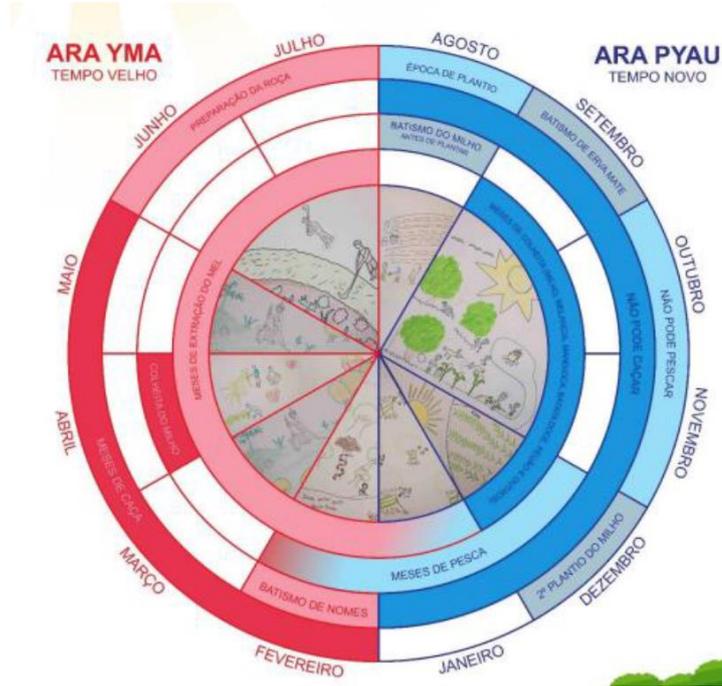
A professora Guarani Sandra explica que “cada *amba* – morada divina, e cada *tery* – nome, implica um jeito de ser, um agir específico para cada pessoa. Ou seja, o *reko* de cada Guarani depende do *amba*, mas principalmente do nome” (Rete et al., 2020, p. 168). Em resumo, a criança já “é alguém na vida” desde o seu batismo, ao contrário da cultura juruá, onde isso geralmente ocorre apenas na fase adulta.

O propósito da cerimônia é, sobretudo, agradecer o plantio das sementes, fortalecer o corpo e o espírito, e renovar a vida (Barbosa, 2015).

O milho, a erva, tudo que vai ser consumido é rezado. Principalmente no ano novo, que para nós é em agosto. A colheita acontece em novembro e janeiro. Após a colheita, o milho passa por um batismo, que também é uma forma de garantir que o alimento não cause mal (Bussmann et al., 2022, p. 55).

Destaca-se a especificidade do calendário Guarani, dividido em duas partes: *Ara Pyau*, tempo novo, e *Ara Yma*, tempo velho (Nunes, 2019). Este calendário não apenas orienta as atividades agrícolas, mas também marca as atividades sociais da aldeia.

**Figura 2 - Calendário Guarani-Mbya**



Fonte: Concepção Ronaldo Costa e projeto gráfico Débora Rosa (Nunes et al Rosa Jeane, 2019, p.10).

A figura acima representa a divisão do tempo novo, destacado em azul e do tempo velho, em vermelho. Em *Ara Pyau* é período de plantar alimentos rasteiros, de batizar as sementes que fecundarão o solo, nesta época não pode caçar e de outubro a novembro não pode pescar, sendo liberada esta atividade nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro. Em *Ara Yma* é tempo de colher mel, a caça está liberada somente de fevereiro a maio e nos meses de junho e julho é período de preparar a terra para o próximo cultivo. Em fevereiro é quando ocorre o batismo de nomes.

Em conversa com a cacica Eliara ela explica que em *Ara Yma*, por exemplo, época de chuvas e frio, é tempo de resguardo, onde crianças e velhos devem ficar protegidos em suas casas, para não adoecerem. Em *Ara Pyau*, quando chega a primavera, é tempo de plantar, de ouvir o canto dos pássaros que preparam seus ninhos na espera dos seus filhotes. É tempo de alegrar-se!

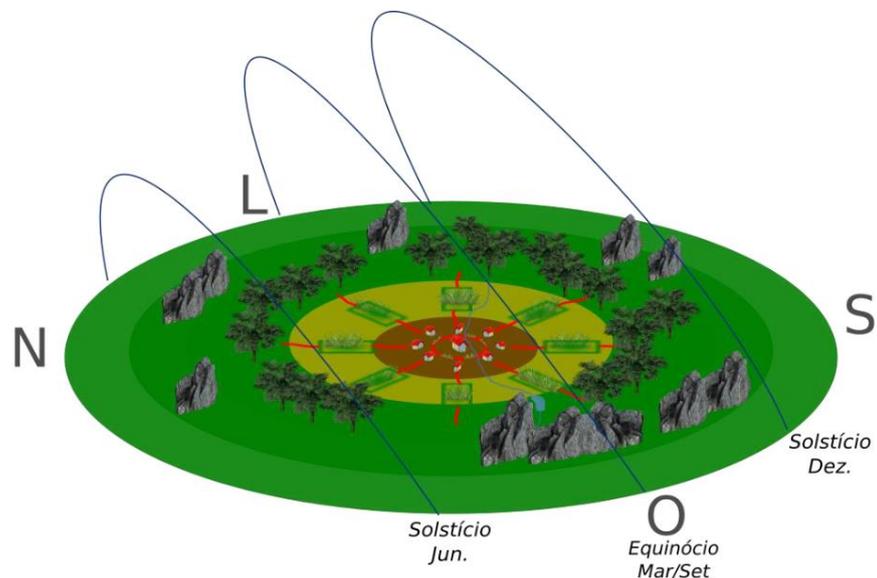
Na aldeia em que resido cada família cultiva uma rocinha perto de suas casas, planta-se milho, aipim, feijão, amendoim, batata doce, banana, melancia. Além disso, toda a comunidade reúne-se nas épocas de plantio e colheita para

cultivar a roça maior, que é de responsabilidade de todos e fica um pouco mais afastada do centro da aldeia.

Atualmente nós da comunidade estamos reconstruindo a *opy* no mesmo local onde ela desmoronou e manejando um espaço de agrofloresta.

A ilustração a seguir representa o desenho de uma aldeia tradicional guarani e a configuração destes espaços, com a *opy* ao centro, rodeada pelas residências das famílias com suas pequenas roças próximas, localizadas geralmente atrás ou bem próximo das casas.

**Figura 3 - Aldeia Tradicional Guarani com trajetória solar entre Solstícios e Equinócio**



Fonte: (Nunes, 2022 p. 147, realizada com base em Ronaldo Costa Karai Tukumbó em 4 jan. 2022)

A figura ainda demonstra que geralmente a aldeia é protegida por florestas e montanhas, confirmada nos estudos de Litaiff (2004) que segundo o antropólogo, são divididas em três espaços concêntricos claramente distintos: casas, plantações e florestas.

Essa divisão concêntrica da aldeia em casas, plantações e florestas reflete a profunda conexão dos Guarani com seu território e com a natureza ao redor. É uma organização que não apenas facilita a vida cotidiana, mas também simboliza a interdependência entre os diversos elementos do mundo Guarani.

### 3 INTERRELAÇÕES: PERMACULTURA E *NHANDE REKO*

Ainda que a Permacultura e o *Nhande Reko* estejam pautados em princípios e condutas que permeiam o Bem Viver, destaco aqui algumas diferenças que carecem de reflexão.

A começar pelas bases éticas da Permacultura, que se diferem do *Nhande Reko*. Percebe-se na Permacultura uma divisão entre natureza e ser humano que deve ser revista e superada.

Na cultura Guarani, tudo é conectado e interage entre si. Um canto representa uma profunda imersão com o mundo espiritual, com os objetos, com a paisagem e com a própria realidade; uma peça artesanal, além de ser um simples elemento decorativo ou utilitário, carrega histórias, mitos e lendas que ainda se fazem vivamente presentes. No mundo Guarani, é tudo junto; o povo Guarani não divide as coisas: é tudo a partir de tudo; na verdade, quando você vê, é uma coisa só (Bussman et al., 2022, p. 41).

A noção de futuro, destacada na base ética da Permacultura, também se difere do entendimento Guarani. Por mais que os Guarani necessitem hoje garantir o futuro das gerações lutando pela demarcação e homologação de suas terras, pois sem *tekoá* não há *tekó* (Noelli, 1993), é no passado, na ancestralidade, que se busca a força e a inspiração para seguir. Para eles, o futuro se faz na caminhada do dia a dia, no presente, e não na prospecção de planejamentos a longo prazo.

Apesar das diferenças destacadas entre as bases éticas da Permacultura e do *Nhande Reko*, há nos princípios permaculturais semelhanças que devem ser consideradas.

Em ambos os casos, busca-se inspiração na natureza e alinhamento com os tempos, respeitando os ciclos da terra, por exemplo, para o plantio, colheita e descanso da terra, além do aprimoramento de técnicas de construção observando outras espécies.

Uma das oficinas realizadas na aldeia foi sobre a criação de abelhas jataí, ministrada pela equipe do projeto Raízes da Cooperação. Durante as falas e explicações sobre a organização social dessa espécie, as pessoas da comunidade se identificaram com elas, apesar de as considerarem “mais inteligentes que gente”.

Assim como os Guarani, as Jataí são resistentes às ameaças e ataques sofridos pelas ações humanas, cantam, dançam, respeitam a hierarquia, e quando a

colmeia está repleta, buscam novos lugares para se instalar. Elas vivem em harmonia com o entorno e se resguardam no inverno.

O oitavo princípio da Permacultura nos orienta a integrar em vez de segregar. Este princípio é uma realidade vivenciada nas aldeias indígenas, pois no *Nhande Reko* toda a comunidade se reúne para realizar tarefas que requerem mais energia, como a construção de casas e a preparação da terra para o cultivo de grandes áreas.

O nono princípio da Permacultura diz que devemos usar soluções pequenas e lentas para alcançar nossos objetivos, o que remete à constante e incessante busca pela “terra sem males”, o movimento do caminhar realizado por gerações pelos Guarani.

Usar e valorizar a diversidade, décimo princípio descrito na Permacultura, é justamente o que proponho neste trabalho: conhecer, aproximar, interagir e aprender com a diversidade de outras espécies, culturas e modos de pensar. Essas atitudes são tão necessárias quanto urgentes para nossa sobrevivência e para o enfrentamento das nossas crises.

Mais do que inventivos e criativos, o décimo segundo princípio da Permacultura, os povos indígenas são persistentes em seus propósitos de (re)existirem com suas culturas, mesmo diante da interferência predatória da nossa.

Apesar da Permacultura se apresentar como uma das potencialidades para o enfrentamento e transição do nosso modelo de sociedade, é importante destacar alguns problemas que devem ser considerados para além do contexto abordado neste trabalho e, quiçá, aprofundados em outra pesquisa.

De acordo com a pesquisa de Fossaluzza (2020):

Apesar de todos os avanços na popularização da Permacultura no Brasil, não podemos deixar de considerar que ainda existem muitos obstáculos que impedem a participação de pessoas negras e indígenas. Apesar do crescimento da participação de mulheres, elas ainda são minoria na composição do público de estudantes e, especialmente, de educadores/as. Pessoas com nível mais baixo de escolaridade formal também têm sua inserção dificultada, seja pela linguagem científica rebuscada, que pode ser de difícil compreensão, ou por elas não se sentirem parte do público desses cursos devido a diversas questões, que podem incluir a estética, a formação de outros/as participantes, o formato e os valores dos cursos, o desconhecimento do termo Permacultura, entre outros (Fossaluzza et al., 2020, p. 12).

Souza e Nazareno (2020) podem contribuir com essas reflexões diante do contexto que apontam:

O pensamento ocidental institucionalizou, por meio da colonialidade do saber, a ideia de que os povos que não organizam seus conhecimentos por meio da escrita grafocêntrica são povos atrasados e inferiores. Assim, todas as outras bases de conhecimento não sistematizadas em códigos escritos eleitos pela visão ocidental foram e são desmerecidas e hostilizadas. Esse é um problema vivenciado pelos povos indígenas no Brasil há séculos, por apresentarem como base de seus conhecimentos a oralidade, os grafismos e a espiritualidade. Suas epistemologias são negligenciadas e silenciadas por esse aparato perverso de seleção (Souza e Nazareno, 2020, p. 4).

Problemas esses vivenciados pelos povos indígenas, quilombolas, ciganos e ribeirinhos até hoje, por apresentarem como base de seus conhecimentos a oralidade, os grafismos e a espiritualidade. Existe um preconceito institucional herdado por uma cultura cruel e colonizadora, que hierarquiza o saber a partir da escrita, e que deve ser superado para a valorização de todos os conhecimentos. Isso requer esforços de desconstrução do nosso modelo ocidental, civilizatório, utilitarista e antropocêntrico de ser.

Nas inúmeras visitas realizadas para complemento das atividades curriculares propostas por este curso, nenhuma foi dirigida às comunidades tradicionais da região, onde residem indígenas, quilombolas etc. Tampouco recebemos representantes desses saberes nas aulas, talvez pela dificuldade em remunerar tais participações, o que corrobora com o problema de hierarquização do saber a partir da escrita, valorizado perante títulos institucionais.

Falar em Permacultura e não mencionar essas comunidades, em seus diferentes contextos históricos e sociais, é seguir com a lógica de apagamento do colonizador. Por isso, para além da sistematização de princípios e éticas propostas pelos precursores da Permacultura, é necessário abrir-se ao outro para que o novo possa surgir.

Ailton Krenak (2022) levanta uma importante questão em seu artigo, no qual faz uma crítica sobre a educação escolar indígena, publicado no livro digital *Jenipapos: Diálogos sobre Viver*. Este livro é um apanhado de artigos escritos por diversos indígenas de diferentes etnias e nos ajuda a refletir: afinal, “como nós vamos pensar em outros mundos se queremos pensar os outros mundos com os mesmos instrumentos?” (Munduruku et al., 2022, p. 47).

Temos muito o que aprender com as culturas originárias e ancestrais. Basta estarmos abertos, buscarmos, observarmos e interagirmos. Com os Guarani, aprendo que para vivermos bem devemos estar bem; ou seja, estar é mais importante do que ter. Não precisamos de muito para nos mantermos vivos; se estivermos atentos ao nosso entorno, podemos encontrar suprimentos para nossas necessidades.

O quadro abaixo é a sistematização desta análise sobre as diferenças e semelhanças entre a Permacultura e o *Nhande Reko* dos Guarani.

#### Quadro 1 - Sistematização da análise entre Permacultura e o *Nhande Reko*

<b>Análise</b>	<b>Permacultura</b>	<b><i>Nhande reko</i></b>
<b>Divisão Entre Natureza e Ser Humano</b>	Muitas vezes, a Permacultura pode adotar uma visão em que a natureza é tratada como um recurso a ser manejado e otimizado, o que pode criar uma separação entre o ser humano e o ambiente natural.	No mundo Guarani, não há uma divisão clara entre humanos e natureza. A percepção é de que tudo está interconectado, e as ações humanas são vistas como parte de um sistema maior e sagrado.
<b>Noção de Futuro</b>	Foca na criação de soluções para o futuro e muitas vezes realiza planejamentos de longo prazo.	A perspectiva Guarani é mais centrada no presente e na conexão com os antecessores. O futuro é construído no dia a dia e na continuidade das práticas tradicionais.
<b>Integração e Diversidade</b>	O princípio de integração e valorização da diversidade está alinhado com a prática Guarani de cooperação comunitária e respeito pela diversidade de espécies e práticas culturais.	A prática Guarani também valoriza a integração e a cooperação, com a comunidade se unindo para realizar tarefas coletivas.
<b>Uso de Soluções Pequenas e Lentamente Realizadas</b>	Encoraja soluções pequenas e contínuas para mudanças sustentáveis.	O conceito de “caminhar” em busca da Terra sem Mal é uma prática contínua e gradual.
<b>Persistência e Adaptação</b>	Enfatiza a criatividade e a adaptação para enfrentar desafios ambientais.	Os Guarani demonstram uma persistência resiliente em manter suas práticas culturais e sua relação com a terra, apesar das adversidades externas.

Fonte: Elaboração própria (2024)

Este quadro pode iluminar aspectos importantes da relação entre os humanos e a natureza em diferentes sistemas de pensamento. Promover a interculturalidade, a integração de práticas e princípios da Permacultura e do *Nhande Reko* pode criar uma base mais forte para o enfrentamento dos desafios ambientais e sociais, respeitando a diversidade cultural e a sabedoria ancestral.

O caminho se faz na caminhada, portanto é importante reconhecer as limitações de aplicar princípios de um sistema cultural em contextos diferentes e considerar a adaptação sensível e respeitosa dessas ideias.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nosso modelo de vida baseado no ter foi "vendido" como o ideal, entretanto é equivocado, excludente e encontra limites ecológicos pelo evidente esgotamento ambiental no mundo. É importante, ao menos tentarmos romper com este paradigma ouvindo outras vozes, nossas vozes, nossa natureza, aguçar novos sentidos, sentimentos, aprender com os intelectuais periféricos e não achar que a ciência vai resolver sozinha os problemas que ela, com nossa ajuda, criou.

O quarto princípio da Permacultura nos diz que devemos praticar a autorregulação e aceitar retorno. Neste sentido entendo que estes princípios devem ser revisitados e estar em constante ampliação.

O *Nhande Reko* oferece uma perspectiva valiosa para revisar e expandir os princípios da Permacultura pois tem uma abordagem holística e integrada à vida. Essa prática não apenas respeita a interconexão entre os seres vivos e a natureza, mas também valoriza a importância dos ciclos naturais e do respeito mútuo.

O incansável caminhar dos Guarani na busca pela Terra sem Males é exemplo de desprendimento. Não devemos nos apegar à terra, pois ela não nos pertence e daqui nada levaremos. Assim como nós a terra é vida, serve de suporte para outras vidas que aqui estão, devemos respeitá-la e tirar dela somente aquilo que for necessário. Essa ideia reflete uma compreensão mais profunda e respeitosa do nosso papel como seres humanos.

As falas em tom baixo, o cuidado com as palavras pronunciadas, o silêncio ao redor do fogo pode nos dizer e alcançar lugares mais distantes do que qualquer meio de transporte ou rede de comunicação possa oferecer.

Vivemos no dualismo do sim ou não, do céu ou inferno, do certo ou errado e não conseguimos encontrar o meio termo, o caminho do meio, seguimos em linha reta tentando chegar a um fim ao invés de sermos mais flexíveis, contornáveis e malemolentes, assim como o rio em seu curso, como a vida ao viver.

O respeito aos tempos e ciclos das mulheres nos mostram a importância do cuidado com os territórios, nos ensinam sobre a circularidade dos movimentos, sobre recomeços e não fins. Mulheres assim como a terra, podem carregar em seu ventre sementes, que se bem cuidadas garantirão vida. O resguardo de seus ciclos deve ser considerado nas atividades e planejamentos.

Os sonhos podem nos dizer mais do que podemos imaginar, precisamos nos atentar e falar sobre eles. Os sentidos aguçados e a atenção aos sonhos podem nos conectar a aspectos profundos e muitas vezes inexplorados da nossa existência. Eles oferecem uma forma de acessar realidades que não são facilmente percebidas por meios convencionais e podem nos guiar na busca por uma vida mais plena e significativa.

O canto, a dança, a música, o viver em comunidade, alegra corações, energiza e podem garantir saúde. Essas práticas fortalecem o corpo e o espírito, criando um ambiente mais vibrante e harmonioso.

Os mais velhos são detentores dos saberes, embora as crianças possam ensinar mais do que muitas universidades, ambos conhecimentos devem ser valorizados, pois representam diferentes dimensões do conhecimento e trazem perspectivas únicas e essenciais para a construção de um futuro sustentável e justo.

Dito isso, temos um desafio colocado diante de nós, integrar o conhecimento tradicional e a Permacultura de forma que ambos se enriqueçam mutuamente, respeitando as especificidades e práticas de cada cultura. A mudança de paradigma necessária para superar a colonialidade do saber e valorizar a diversidade cultural pode levar a práticas mais justas e sustentáveis.

Mais do que somar aos princípios permaculturais para construção de um novo modelo de sociedade, o *Nhande reko* pode nos aproximar daquilo que nos falta, entre muitas coisas, de nós mesmos.

*Ha'evete aguyjevete!*

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Elefante, 2016.

ALVES, F.; BITENCOURT CAMPOS, J.; NUNES, O. J., SILVA NOELLI, F.; RAMOS BATANOLLI, J. A.; SANTOS DA SILVA, J. G. . **Nhandereko Yvyrupá Py**: modo de viver Guarani na terra indígena Tekoá marangatu, Imaruí, SC, Brasil. *Tellus*, v. 24, n. 52, p. 11–37. 2024. <https://doi.org/10.20435/tellus.v24i52.959>

BARBOSA, R. A. **Agricultura Tradicional Guarani**. 2015. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Licenciatura Intercultural Indígena o Sul da Mata Atlântica, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2015.

BERTIER, F. L. **Devaneios da Fogueira**: os saberes populares associados ao fogo ataçam diálogos de Educação Ambiental sobre incêndios florestais, crise climática e Bem Viver. Dissertação (Mestrado em Educação). Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2020. Disponível em <http://ri.ufmt.br/handle/1/3955> Acesso em: 10 abri. 2024.

BOTELHO, Carla Adriane Rodrigues; BARBA, Clarides Henrich de; CATOSSO Marilete Castilho Emidio; SANTOS Keila de Oliveira; AZEVEDO Tânia Suely; PERONDI Lucimar; LEMOS Ailton Alves Gomes; MIRANDA Sérgio Luciane Neves de. **A educação ambiental e a emergência climática no contexto Amazônico**: estudo de caso em uma realidade escolar de Porto Velho, Rondônia, Brasil. **Revista Cuadernos de Educacion y Desarrollo, Portugal**, v.16, n.7,p. 01-34, 2024. Disponível em <https://ojs.europublications.com/ojs/index.php/ced/article/view/4728/3612> Acesso em: 08 abr. 2024.

BUSSMANN, Daniela Beatriz Goudard; SANCHES, Ludmylla Silvia Carvalho; COSTA, Bertold Silva; ROSCOE, Juliana. **A presença dos Povos Guarani na região da Grande Florianópolis**. Livro do Componente Indígena do Plano Básico Ambiental das obras do Contorno Rodoviário de Florianópolis. Arteris Litoral Sul e MPB Engenharia, Florianópolis, 2022.

DARELLA, Maria Dorothea P.; MACHADO, Juliana S. (orgs.). **Ações e Saberes Guarani, Kaingang E Laklãnõ Xokleng em Foco**: Pesquisas da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis, Edições do Bosque/UFSC/CFH/NUPPE, 2020.

DARELLA, Maria Dorothea P.; AFFONSO, Ana Maria R.; MELO, Clarissa de.; ALVIM, Victoria T.; GUEROLA, Carlos M.; COLOMBERA, Ana Claudia. (orgs.) . **Tape mbaraete anhetengua**: Fortalecendo o caminho verdadeiro. Florianópolis, Ed. UFSC, 2018a. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/item/5a2045e1-f2ae-44d9-8d8b-37a57befdcdb/Livro%20Guarani\\_PDFweb.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/item/5a2045e1-f2ae-44d9-8d8b-37a57befdcdb/Livro%20Guarani_PDFweb.pdf?sequence=1) Acesso em: 20 març. 2024.

DARELLA, Maria Dorothea P.; MARTINS, Davi Timóteo.; MOREIRA, Hyral. (orgs.) **Os quatro cantos sagrados**: Cartilha de Aprendizagem de Saberes Tradicionais.

Florianópolis, Ed. UFSC, 2018b. Disponível em:  
<https://saberesindigenas.ufsc.br/livros/> Acesso em: 15 març. 2024.

FERREIRA NETO, D. N. **Uma alternativa para a sociedade**: caminhos e perspectivas da permacultura no Brasil. São Carlos: Edição do autor, 2018.

FERGUSON, R. S.; LOVELL, S. T. **Permaculture for agroecology**: design, movement, practice, and worldview: a review. *Agronomy for Sustainable Development*, Switzerland, v. 34, n. 2, p. 251-274, 2014.

FLEURI, Reinaldo Matias; OKAWATI, Juliana Akemi Andrade (orgs.) **Decolonizar a Educação**: Entretecer caminhos de Bem Viver. São Carlos: Ed. Pedro e João, 2023.

FOSSALUSA, André Santachiara. REIS, Marília Freitas de Campos Tozoni. **O Ensino de Permacultura no Brasil**: o papel dos Cursos de Design em Permacultura (PDCs) e as contribuições da Educação Ambiental Crítica. *Revista Ciência & Educação*, Bauru, v. 26, e20042, 2020. Disponível em  
<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/sGdhhTzCJ6TtccfWFpp9hYF/?format=pdf> Acesso em: 07 març. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. 2 ed. tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**; tradução de Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 14ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

HANAZAKI, Natalia.; MACHADO, Juliana Salles.; ZEA, Evelyn Schuler.; KAINANG, Jozileia Daniza.; DARELLA, Maria Dorothea P. D. (orgs.). **Kuri'y Zág Fág Ensino e Natureza** Volume 1. Ed Bosque, 2021. Disponível em:  
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/230298> Acesso em 03 abri. 2024.

HOLMGREN, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. / David Holmgren; tradução Luzia Araújo. – Porto Alegre: Via Sapiens, 2013. 416p.

LADEIRA, Maria Inês Martins. **O caminhar sob a luz**. Território mbya à beira do oceano. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

LEITE, A. M. P. **Pesquisa acadêmica**: a escrita na primeira pessoa do singular. *Transinformação*, v. 36, e246865, 2024. Disponível em:  
<https://doi.org/10.1590/2318-0889202436e246865> Acesso em 09 jun. 2024.

LITAIFF, Aldo. **As divinas palavras: identidade étnica dos Guarani-Mbyá**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

LITAIFF, Aldo. **Os filhos do sol: mitos e práticas dos índios Mbya- Guarani do litoral brasileiro.** *Revista Tellus* ano 4, n.6, abr. 2004. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/76/82/> acesso em 02 abri. 2024.

MARINGONI, S.; TIMMERMANN, J.; PAMPLONA, S. B. P. **Bases para um curso de design em permacultura (PDC):** permacultores pioneiros do Brasil. [2018]. Disponível em: <https://yvypora.files.wordpress>. Acesso em: jun. 2024.

MOLLINSON, B.; HOLMGREN, D. **Permacultura:** uma agricultura permanente nas comunidades em geral. Trad. Norberto de P. Lima. São Paulo: Editora Ground Ltda, 1983.

MUNDURUKU, Daniel.; TAUKANE, Darlene Yaminalo.; NUNES, Isabella Rosado.; NEGRO, Maurício. **Jenipapos:** diálogos sobre viver. RJ : Mina Comunicação e Arte, 2022.

MUNDURUKU, Daniel. **Educação Indígena:** do corpo, da mente e do espírito. *Revista Múltiplas Leituras*, v.2, n. 1, p. 21-29, jan. / jun. 2009.

NOELLI, Francisco da Silva. **Sem Tekohá não há Tekó** (Em busca de um modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua Aplicação a uma área de Domínio no Delta do Rio Jacuí- RS). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/PUC-RS, 1993.

NÚCLEO DE ESTUDOS EM PERMACULTURA DA UFSC. **O que é permacultura?**. Disponível em: <https://permacultura.ufsc.br/o-que-e-permacultura/>. Acesso em: març 2024.

NUNES, Orivaldo Junior. **Teoria da Multiescalardidade do Torus-Mestre e Método para Etnoplanejamento Ambiental e Territorial Indígena.** Tese de doutorado do Programa de Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Florianópolis, 2022.

OLIVEIRA, Diogo de. **Arandu Nhembo'e: cosmologia, agricultura e xamanismo entre os Guarani-Chiripá no litoral de Santa Catarina.** Dissertação (mestrado em Antropologia Social) - PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2011.

PADILHA SCANAVACA , R; ANTUNES , E; CASSIANI , S. (2020). **Guaranização da educação em ciências:** caminhos para o bem viver no envolvimento com a comunidade do Morro dos Cavalos. *Revista Sergipana De Educação Ambiental*, 7(Especial), 1–14. <https://doi.org/10.47401/revisea.v7> Especial.14397 Acesso em mai 2024.

QUIJANO, Aníbal. Bem viver: **Entre desenvolvimento e a des/colonialidade do poder.** R. Fac. Dir. UFG, v. 37, n. 1, p.46-57, jan. / jun. 2013.

QUIJANO, Aníbal. **El movimiento indígena y las cuestiones pendientes en América Latina.** *El Cotidiano*, México, v. 23, n. 151, p. 107-120, septiembre-octubre/2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/325/32511865013.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2024.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, E. (ed.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*, Clacso, pp. 227-278, Buenos Aires, 2005.

QUIJANO, Aníbal. **Notas sobre a questão da identidade e nação no Peru**. *Estudos Avançados*, 6(16), 1992.

SANTOS, Antonio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Editora UBU, 2023.

SPECH, Juliana dos Santos; ROCHA, Vera Cristina Scheller dos S. **Diversidade cultural e a origem do povo brasileiro**. *Caderno Intersaberes*, Curitiba, v. 11, n. 35, p. 190-205, 2022.

SOUZA, Karla Alessandra Alves de; NAZARENO, Elias: **Experiências indígenas com a escrita: apropriação, impasses, desafios e possibilidades: educação intercultural e “A queda do Céu”**. *Revista Articulando e construindo saberes*, 2020, v.5.e62341.

#### REFERÊNCIA ORAL

ANTUNES, Eliara. Conversas ao longo do ano de 2023 a 2024. Na aldeia Yakã Porã, município de Palhoça, SC.

MARTINS, José. Entrevista concedida a autora. Na aldeia Yakã Porã, município de Palhoça, SC em 05 de maio de 2024.

SANTROVICH, Marlene. Entrevista concedida a autora. Na aldeia Yakã Porã, município de Palhoça, SC em 12 de maio de 2024.

#### TRADUÇÃO GUARANI

MIRIM, Mariza Pará. Cacica da Tekoá Itanhaém, município de Tijucas, SC.